

O “TIPO” DO BRASILEIRO: REPRESENTAÇÕES DA POPULAÇÃO NEGRA APÓS A ABOLIÇÃO.

Palavras-Chave: ABOLIÇÃO, EDUCAÇÃO, HISTÓRIA

Autores(as):

BEATRIZ SALMENTO PIRES MORAIS, COTIL – UNICAMP

LORENY FARIA BATISTA, COTIL – UNICAMP

LUIS EDUARDO OLIVEIRA, COTIL – UNICAMP

Prof. Me. MURILO TABOSA (orientador), COTIL – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Participando da realidade, como discentes e docente, de uma escola pública estadual, pioneira na implementação de cotas étnico-raciais no seu processo de seleção de alunos, nos deparamos com fraco e muitas vezes insistente letramento racial por parte dos alunos negros.

Considerando o Racismo como uma realidade em nossa sociedade, haja visto pelos diversos dados estatísticos oficiais e corroboram essa conclusão, entendemos que a mudança deste paradigma deve se iniciar na compreensão de que o “tipo” e o “lugar” da pessoa negra, é imposto pelas instituições racistas e a escola é um reproduzidor dessa estrutura.

Neste sentido o projeto tem por objetivo de criar meios, através da história da população negra no pós-abolição, para apresentar quais foram os estereótipos construídos para a população negra e quais foram as ações de resistência na luta contra a desigualdade racial presente até hoje em nossa sociedade para que os alunos possam ter uma maior compreensão de suas realidades impostas e como podem agir para alterá-la e defender seu lugar.

Para tanto, em nossos estudos, escolhemos alguns personagens do período abolicionista e algumas instituições pós-abolicionistas para a criação de um material de divulgação destinado á escolas públicas da região de Limeira, interior de São Paulo.

Os períodos abolicionistas e pós-abolicionista foram marcados pela grande resistência realizada pela população negra escravizada e liberta. Todavia, até como forma de perpetuação de estigmas racistas, estas histórias não são ensinadas nas escolas, não estão nos livros didáticos e nem mesmo são celebradas como constituintes da história do Brasil.

Durante o período abolicionista destacamos a ações de abolicionistas como Luiz Gama, Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar, e Maria Firmina dos Reis. São três

personagens escolhidos, dentre diversos, para representar o período. A escolha destes representantes se dá por conta de suas trajetórias e ações para a consolidação da abolição da escravidão.

Ainda durante o período abolicionista, já no fim do século XIX, incorpora-se aos diversos argumentos escravocratas o "Darwinismo Social" ou "Teoria das Raças". Tais teorias defendiam a hierarquização de raças onde diametralmente opostas estariam a branca e a negra/indígena.

Para o "Darwinismo Social" a miscigenação era condenada pois haveria a degeneração das raças. Por isso a necessidade de manter uma raça pura. Nesse sentido, a Eugenia, torna-se a prática de eliminação das raças inferiores através de interferência social nos meios de reprodução de uma população.

No Brasil do pós-abolição essas teorias tiveram grande aceitação e fundamentaram o pensamento e espírito científico de instituições como museus, faculdades de medicina e direito. Para algumas instituições a compreensão da miscigenação, o branqueamento da população, seria a salvação do país frente à inevitável miscigenação.

Outra instituição que atravessa o período abolicionista e pós-abolição é a imprensa negra. Seja para elucidar a população negra e não negra sobre o atraso da política escravocrata ou para apresentar as desigualdades diversas.

Com ênfase no ensino fundamental, é de extrema importância a compreensão por parte dos alunos sobre os diversos processos históricos em que a sociedade se desenvolveu. Encontramos no passado relatos e fatos construindo uma base sólida para explorar os diversos aspectos do racismo atual e alguns omitidos da história oficial que exibem a história de trabalho e luta da população negra.

Com a apresentação de personagens e instituições do passado, propõe-se aos alunos todo o processo histórico, vivências, atos e contribuições de cada personagem. Assim, instigar a curiosidade para encontrar na história fontes para uma formação mais integral, abrangente e sólida construindo seus próprios argumentos e gerando suas próprias conclusões.

METODOLOGIA:

Para a construção do material de divulgação foi necessária uma extensa pesquisa bibliográfica. Inicialmente para podermos compreender aspectos relacionados à questão racial. Para tanto, o grupo lançou-se em alguns textos e livros como referências, tanto para a questão racial, para a questão histórica e pedagógica. Os referenciais iniciais foram os textos de Kabengele Munanga, Oracy Nogueira, Lilia Schwarcz e Jessé Souza com objetivo da compreensão mais básica das formas de racismo e como ele opera em nossa sociedade.

Em outro momento, a pesquisa bibliográfica nos auxiliou a conhecer a história do período da abolição. Para isso foi fundamental os escritos de Emilia Viotti, Florestan Fernandes e Kleber Antônio de Oliveira Amancio dentre outros. Também foram utilizados podcast sobre a temática dentre eles o “Vidas Negras” de Tiago Rogero. Para a parte pedagógica foram feitas leituras de Paulo Freire e Eliane Cavalleiro.

Após a leitura dos referenciais, reuniram-se e analisamos textos e ideias para apoiar as formas de transmitir esses conhecimentos para alunos do ensino fundamental II, de uma forma que faça eles repensarem e/ou refletirem sobre suas realidades.

Como resultado da pesquisa, construímos um material de divulgação baseado nos personagens escolhidos do período abolicionista (para que se possa apresentar a luta dos povos negros) e as instituições no pós-abolição reforçando ou lutando contra uma imagem da população negra, um “tipo” do brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Nossa ideia inicial foi fazer quadrinhos de HQ com personagens reais explicando sua história, interagindo com os alunos. Tivemos dificuldade em achar uma estrutura discursiva significativa que apresentasse aos estudantes o tema complexo de forma interessante e curiosa.

Optamos então por desenvolver um material menor e que fosse mais fácil de se passar informações que pudessem ser mais diretas e que, caso o aluno se interesse, possa encontrar outros materiais externos associados ao tema.

Durante o processo de constituição do material de divulgação, também percebemos que o uso de redes sociais também teria um impacto no trabalho junto ao material físico. Todavia, a manutenção das redes também deve passar por um crivo constante pois deve ser educacional e, em meio a tanta desinformação na internet, não poderia passar informações erradas construindo uma história falsa.

O material não passou por teste com o público-alvo pois pretende-se que este passe por comissões raciais da Universidade e pelo conselho municipal da população negra da cidade para que estes possam nos guiar na melhora do material.

De qualquer forma, entendemos a complexidade do tema e que este, por mais que seja destinado a um grupo de alunos de ensino fundamental, também poderá ter impacto para outros grupos etários dada a falta de compreensão do tema independente da idade e formação.

CONCLUSÕES:

Inicialmente, a realização do trabalho foi importante para que nós pudéssemos ter um melhor entendimento racial e compreender teoricamente o que compreendíamos observando nossas próprias realidades. Além disso, reforçou-se ainda mais a certeza que transmitir história das lutas das pessoas negras, não pela perspectiva do opressor, tem significado de luta.

Histórias tão valiosas são omitidas no dia a dia escolar dos jovens, apagando os feitos de pessoas negras que fizeram e fazem muito mais do que os livros didáticos mostram. Ao colocá-las em evidência e mostrando outra perspectiva de olhar para o passado, provoca reflexão e possibilidade de interferir em realidades.

Enquanto escravo, o negro era um bem material com valor comercial como qualquer outro bem de seu dono. Com o pós-abolição as estratégias adotadas pelas instituições tentam o manter nessa condição desumana, animalizando-os. As lutas da população negra que estudamos e evidenciamos nesse estudo mostram a luta por humanização, a luta por reconhecimento e a luta por liberdade de ser em sociedade sem um “tipo” específico.

BIBLIOGRAFIA

AMÂNCIO, Kleber Antônio de Oliveira (2013). **Pós-abolição e cotidiano: ex-escravos, ex-libertos e seus descendentes em Campinas (1888-1926)**. São Paulo: Alameda.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2021. 115 p.

COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. 9. ed. São Paulo: Unesp, 2010. 144 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p.

MUNANGA, K. **NEGRITUDE E IDENTIDADE NEGRA OU AFRODESCENDENTE: um racismo ao avesso?**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 4, n. 8, p. 06–14, 2012. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246>. Acesso em: 11 mar. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RACA, RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA**. 2004. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-noco-es-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2024.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil.** Tempo Social, [S.L.], v. 19, n. 1, p. 287-308, jun. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-20702007000100015>. Acesso em: 11 mar. 2024.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. **Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX.** Afro-Ásia: Revista Eletrônica Correlatio, Bahia, v. 17, n. 18, p. 86-109, 24 jan. 1996. Universidade Federal da Bahia. <http://dx.doi.org/10.9771/aa.v0i18.20901>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/view/2096>. Acesso em: 11 mar. 2024.

SOUZA, Jessé: **Como o racismo criou o Brasil.** São Paulo: LeYa, 2021.